

 **CADERNOS TEMÁTICOS**
JUVENTUDE BRASILEIRA E ENSINO MÉDIO

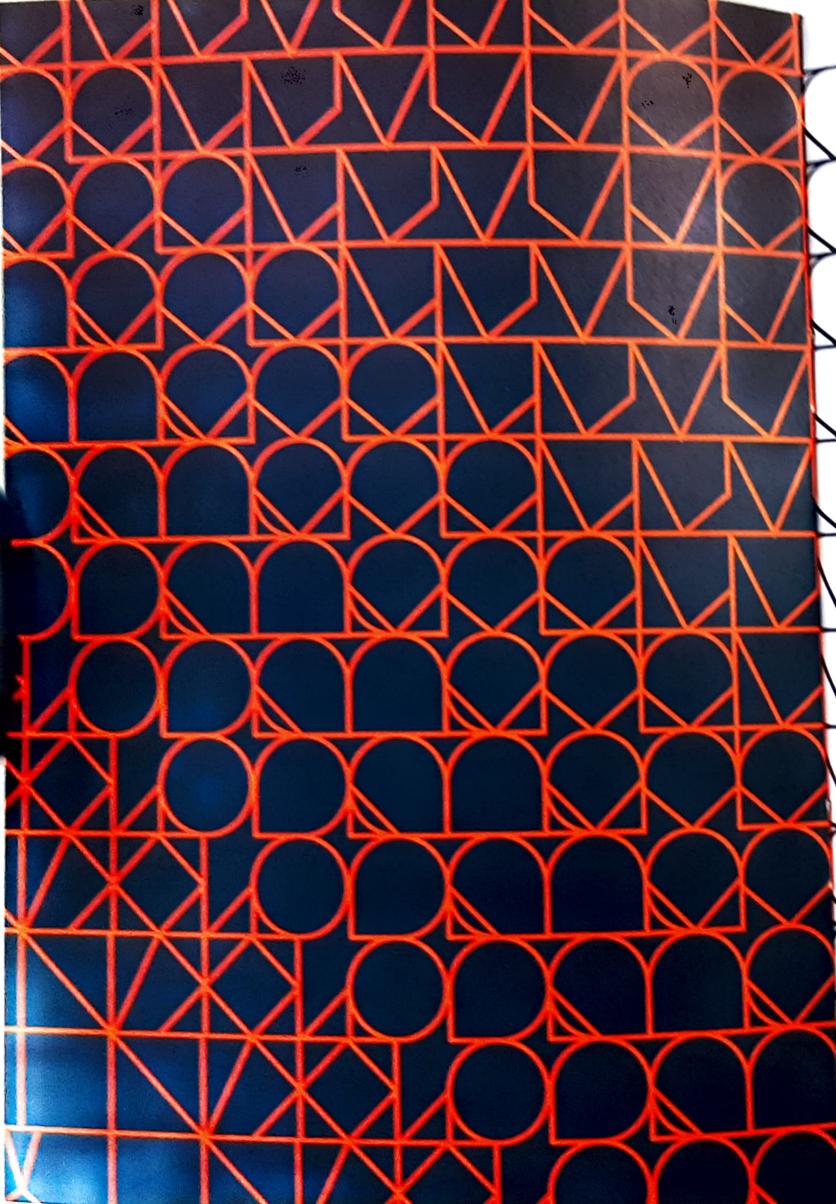
ORGANIZADORAS
LICÍNIA MARIA CORREA, MARIA ZENAIDE ALVES
E CARLA LINHARES

JUVENTUDE

E TRABALHO

GERALDO LEÃO
SYMAIRA NONATO

(EDITORAufmg)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITOR JAIME ARTURO RAMÍREZ
VICE-REITORA SANDRA REGINA GOULART ALMEIDA

EDITORA UFMG
DIRETOR WANDER MELO MIRANDA
VICE-DIRETOR ROBERTO ALEXANDRE DO CARMO SAID

CONSELHO EDITORIAL
WANDER MELO MIRANDA (PRESIDENTE)
DANIELLE CARDOSO DE MENEZES
EDUARDO DE CAMPOS VALADARES
ÉLDER ANTÔNIO SOUSA PAIVA
FAUSTO BORÉM
FLAVIO DE LEMOS CARSLADE
MARIA CRISTINA SOARES DE GOUVÊA
ROBERTO ALEXANDRE DO CARMO SAID

COORDENAÇÃO EDITORIAL MICHEL GANNAM
ASSISTÊNCIA EDITORIAL ELIANE SOUSA
DIREITOS AUTORAIS MARIA MARGARETH DE LIMA E RENATO FERNANDES
COORDENAÇÃO DE TEXTOS MARIA DO CARMO LEITE RIBEIRO
PREPARAÇÃO DE TEXTOS CAMILA FIGUEIREDO
REVISÃO DE PROVAS TALITA CORRÊA E FLAVIANA CORREIA
PROJETO GRÁFICO E CAPA FERNANDA MONTE-MÓR
FORMATAÇÃO FERNANDA MONTE-MÓR E CAROLINE GISCHESKI
PRODUÇÃO GRÁFICA WARREN MARILAC
IMPRESSÃO E ACABAMENTO IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

EDITORA UFMG
AV. ANTÔNIO CARLOS, 6.627 - CAD II / BLOCO III
CAMPUS PAMPULHA - 31270-901 - BELO HORIZONTE/MG
TEL: + 55 31 3409-4650 - FAX: + 55 31 3409-4768
WWW.EDITORAUFMG.COM.BR - EDITORA@UFMG.BR

CADERNOS TEMÁTICOS
JUVENTUDE BRASILEIRA E ENSINO MÉDIO

ORGANIZADORAS
LICÍNIA MARIA CORREA, MARIA ZENAIDE ALVES
E CARLA LINHARES MAIA

■ JUVENTUDE E TRABALHO

GERALDO LEÃO
SYMAIRA NONATO

BELO HORIZONTE
EDITORA UFMG
2014

© 2014, OS AUTORES
© 2014, EDITORA UFMG
ESTE LIVRO OU PARTE DELE NÃO PODE SER REPRODUZIDO
POR QUALQUER MEIO SEM AUTORIZAÇÃO ESCRITA DO EDITOR.

C122 Cadernos temáticos : juventude brasileira e Ensino Médio / Licinia Maria
Correa, Maria Zenaide Alves, Carla Linhares Maia, organizadoras. -
Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

14 v. : il.

Inclui bibliografia.

Caderno 1. Ver, ouvir e registrar: compondo um mosaico das juventudes
brasileiras / Carla Linhares Maia, Licinia Maria Correa - Caderno 2.
O Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas / Helen Cristina do
Carmo, Licinia Maria Correa - Caderno 3. Os jovens e a escola / Geraldo
Leão, Helen Cristina do Carmo - Caderno 4. Culturas juvenis e tecnologias
/ Juliana Batista dos Reis, Rodrigo Ednilson de Jesus - Caderno 5.
Juventude e projetos de futuro / Sara Villas, Symaira Nonato - Caderno
6. Juventude e trabalho / Geraldo Leão, Symaira Nonato - Caderno 7.
Juventude, indisciplina e regras escolares / Paulo Henrique de Queiroz
Nogueira, Sara Villas - Caderno 8. Juventudes, sexualidades e relações
de gênero / Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, Anna Claudia Eutrópio
B. d'Andrea - Caderno 9. Juventudes e territórios: o campo e a cidade /
Maria Zenaide Alves, Igor Oliveira - Caderno 10. Juventude e diversidade
étnico-racial / Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Batista dos Reis -
Caderno 11. Juventudes e participação política / Igor Oliveira, Catherine
Hermont - Caderno 12. Estratégias metodológicas de trabalho com jovens
/ Maria Zenaide Alves, Catherine Hermont - Caderno 13. Juventude,
drogas e redução de danos / André Geraldo Ribeiro Diniz, Isabela Saraiva
de Queiroz, Paulo Henrique de Queiroz Nogueira - Caderno 14. Propostas
de rodas de diálogo: atividades e oficinas / coordenadora: Shirlei Rezende
Sales; colaboradores: Aline Gonçalves Ferreira ... [et al.]

ISBN: 978-85-423-0115-1

1. Juventude. 2. Juventude - Aspectos sociais. 3. Educação. I. Correa,
Licinia Maria. II. Alves, Maria Zenaide. III. Maia, Carla Linhares.

CDD: 305.23

CDU: 301.16

CADERNOS DESTA COLEÇÃO

APRESENTAÇÃO

Licinia Maria Correa

Maria Zenaide Alves

Carla Linhares Maia

● JUVENTUDE E PROJETOS

DE FUTURO

Sara Villas

Symaira Nonato

VER, OUVIR E REGISTRAR:

COMPONDO UM MOSAICO DAS

JUVENTUDES BRASILEIRAS

Carla Linhares Maia

Licinia Maria Correa

■ JUVENTUDE E TRABALHO

Geraldo Leão

Symaira Nonato

◆ JUVENTUDE, INDISCIPLINA

E REGRAS ESCOLARES

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Sara Villas

● O ENSINO MÉDIO NO BRASIL:

DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Helen Cristina do Carmo

Licinia Maria Correa

▲ JUVENTUDES, SEXUALIDADES

E RELAÇÕES DE GÊNERO

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Anna Claudia Eutrópio B. d'Andrea

◆ OS JOVENS E A ESCOLA

Geraldo Leão

Helen Cristina do Carmo

▼ JUVENTUDES E TERRITÓRIOS:

O CAMPO E A CIDADE

Maria Zenaide Alves

Igor Oliveira

● CULTURAS JUVENIS

E TECNOLOGIAS

Juliana Batista dos Reis

Rodrigo Ednilson de Jesus

● JUVENTUDE E DIVERSIDADE

ÉTNICO-RACIAL

Rodrigo Ednilson de Jesus

Juliana Batista dos Reis

● JUVENTUDES E

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Igor Oliveira

Catherine Hermont

● ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

DE TRABALHO COM JOVENS

Maria Zenaide Alves

Catherine Hermont

● JUVENTUDES, DROGAS

E REDUÇÃO DE DANOS

André Geraldo Ribeiro Diniz

Isabela Saraiva de Queiroz

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

▼ PROPOSTAS DE RODAS

DE DIÁLOGO: ATIVIDADES

E OFICINAS

Coordenadora:

Shirlei Rezende Sales

Colaboradores:

Aline Gonçalves Ferreira,

Camila Said, Douglas Resende,

Francielle Vargas,

Henrique Cosenza,

João Perdigão, Michel

Montandon, Silvia Amélia

Nogueira de Souza

/ APRESENTAÇÃO

Caro leitor,¹

Você está recebendo a coletânea *Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Estes cadernos foram elaborados, primordialmente, como referencial didático-metodológico produzido para o curso de atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador – JUBEMI, ministrado durante os anos de 2012 e 2013 para professores das redes estaduais de ensino participantes do Programa Ensino Médio Inovador.

O curso constitui-se em uma das ações do projeto Diálogos com o Ensino Médio, desenvolvido pelo Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e pelo Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense – UFF, em parceria com o Ministério da Educação.

Nosso principal desafio foi oferecer a professores de todo o país instrumental teórico, metodológico, didático

e pedagógico que lhes permitisse dialogar com a diversidade juvenil, principalmente com as juventudes que estão imersas no cotidiano de suas escolas.

Nesse sentido, o objetivo principal na elaboração deste material é fornecer subsídios para que professores do Ensino Médio e licenciandos possam refletir sobre essa etapa de ensino e, mais especificamente, sobre os temas que remetem aos sujeitos, jovens alunos com os quais atuam ou atuarão. A experiência de construção e utilização do material didático durante o curso Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador mostrou-se profícua e assertiva, sendo referendada por professores cursistas, professores tutores e formadores. O êxito do processo formativo e as avaliações positivas por parte dos professores cursistas estimularam nosso desejo de que esse material chegasse até você e fosse compartilhado com professores que atuam diretamente junto aos jovens. A publicação deste material didático em formato impresso traduz e concretiza nosso desejo.

A coletânea foi elaborada em formato de cadernos temáticos, com 13 cadernos referentes aos temas abordados nos módulos do curso e um caderno com propostas de atividades e oficinas que cada professor poderá desenvolver na escola, explorando os temas discutidos, que são:

1. Ver, ouvir e registrar: compondo um mosaico das juventudes brasileiras;
2. O Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas;
3. Os jovens e a escola;
4. Culturas juvenis e tecnologias;
5. Juventude e projetos de futuro;
6. Juventude e trabalho;
7. Juventude, indisciplina e regras escolares;
8. Juventudes, sexualidades e relações de gênero;
9. Juventudes e territórios: o campo e a cidade;
10. Juventude e diversidade étnico-racial;
11. Juventudes e participação política;
12. Estratégias metodológicas de trabalho com jovens;
13. Juventudes, drogas e redução de danos;
14. Propostas de rodas de diálogo: atividades e oficinas.

Os cadernos foram organizados por cores, cada cor tratando de uma temática desenvolvida no curso. Essa organização indica uma ordenação não hierárquica e não linear entre as temáticas e permite que você, leitor, possa ler os cadernos na ordem que escolher, construindo, assim, o seu percurso de leitura e reflexão. Desse modo, os cadernos temáticos são independentes e, ao mesmo

tempo, complementares. São independentes porque você pode começar sua leitura pelo tema que desejar ou necessitar. Complementares, porque um tema chama outro. Ou seja, nossa intenção foi produzir textos dialógicos, interativos e formativos. Os textos trazem sugestões de atividades para você realizar individualmente, com seus colegas e com seus jovens alunos.

As reflexões suscitadas em suas leituras podem ser aprofundadas com material complementar, disponível na internet, nos sites do PORTAL EMDIÁLOGO ([HTTP://WWW.EMDIALOGO.UFF.BR/](http://www.emdiologo.uff.br/)) E DO JUBEMI ([HTTP://WWW.OBSERVATORIO DAJUVENTUDE.UFMG.BR/JUBEMI](http://www.observatorio.dajuventude.ufmg.br/jubemi)). Assim, convidamos você, leitor, a compartilhar conhecimentos sobre os temas, questões, leituras e debates sobre o Ensino Médio, tendo como eixo orientador os jovens alunos, sujeitos do processo educativo que se desenvolve em sua escola.

*Licinia Maria Correa
Maria Zenaide Alves
Carla Linhares Maia*

→ NOTA

- 1 Para garantir uma melhor fluidez na leitura, as organizadoras desta publicação optaram por extinguir, em alguns casos, as distinções de gênero que se faziam presentes em muitos textos. As organizadoras, no entanto, reconhecem a importância e a pertinência de tais distinções.

*Geraldo Leão
Symaira Nonato*

/ JUVENTUDE E TRABALHO

→ INICIANDO O MOSAICO

Caro leitor,

Este caderno aborda a relação *Juventude e trabalho*. Nosso objetivo é refletir sobre essa dimensão que também é central na vida de muitos jovens brasileiros. Além disso, o caderno irá abordar a relação da escola com o mundo do trabalho juvenil.

O trabalho é uma experiência marcante na vida dos jovens brasileiros, pois envolve suas perspectivas de vida, no presente e no futuro. Para muitos, as primeiras experiências já ocorrem no início da adolescência. Para outros, mesmo que ainda não estejam inseridos no mercado de trabalho, o desejo de trabalhar e a preocupação em relação ao futuro profissional já se manifestam de uma maneira muito forte. Para financiar o lazer e adquirir itens de consumo juvenis – roupas, tênis, CDs, eletrônicos etc. –, muitos jovens precisam trabalhar.

Outra grande parte faz do trabalho sua condição para estudar ou até mesmo para ajudar nas despesas de casa.

A relação deles com o mundo do trabalho é também marcada pela desigualdade. Alguns vivem o trabalho como um tempo de formação. Outros têm suas trajetórias marcadas pelo desemprego, pela dificuldade de inserção profissional e pelo trabalho precário.

Neste caderno, vamos, portanto, tentar compreender um pouco mais essa realidade. Você já parou para pensar: *O que os seus alunos pensam do trabalho? Quantos deles trabalham? O que dizem de suas dificuldades e realizações nesse campo? Qual a relação da escola com essa questão?*

É muito importante que os professores reflitam sobre tais questões, pois elas têm uma forte relação com as experiências escolares dos jovens alunos. Na perspectiva do Programa Ensino Médio Inovador, o trabalho é uma dimensão fundamental, junto com a ciência, a cultura e as tecnologias.¹ A escola precisa levar em conta essa dimensão ao construir seu projeto político-pedagógico.

Vamos conversando...

Geraldo e Symaira

→ SUPORTE

Breve discussão sobre trabalho

Sem trabalho eu não sou nada
Não tenho dignidade
Não sinto o meu valor
Não tenho identidade
Mas o que eu tenho
É só um emprego
E um salário miserável
Eu tenho o meu ofício
Que me cansa de verdade²

A letra da música de Renato Russo parece revelar um sentimento que muitos têm em relação ao trabalho. Por um lado, ele nos realiza, principalmente quando nos identificamos com a atividade que exercemos. Além do mais, o trabalho nos traz reconhecimento, autonomia e nos põe em contato com outras pessoas e situações. Assim, um primeiro sentido do trabalho se refere ao fato de que ele é uma dimensão central da nossa condição. O trabalho, como atividade humana, é um processo de criatividade e transformação da natureza, por meio do qual o homem produz a si mesmo e à sociedade. Ele tem um sentido muito mais amplo do que apenas ser uma atividade maçante.

Por outro lado, nem sempre podemos escolher trabalhar em algo com o qual nos identificamos. Nas sociedades capitalistas, o trabalho é reduzido à sua

dimensão instrumental e esvaziado de sentido. Ou seja, nem sempre trabalhamos porque gostamos ou porque sentimos prazer com a atividade que exercemos, mas sim em razão das nossas necessidades e das oportunidades que surgem para nós, oportunidades essas muitas vezes marcadas por condições precárias.

AS MARCAS DO TRABALHO HUMANO

Geralmente quando as pessoas falam de trabalho, elas destacam os aspectos negativos dessa experiência. Por que será então que o trabalho é tão importante na vida de todos? E por que os jovens querem tanto trabalhar? Uma síntese de diversos aspectos do trabalho humano elaborada pelo sociólogo Anthony Giddens pode nos ajudar a refletir um pouco sobre isso:

Mesmo nos lugares em que as condições de trabalho são relativamente desagradáveis e as tarefas, monótonas, o trabalho tende a representar um elemento estruturador na composição psicológica das pessoas e no ciclo de suas atividades diárias. Diversas características do trabalho são relevantes nesse ponto:

1. *Dinheiro* - Um ordenado ou um salário é o principal recurso do qual muitas pessoas dependem para satisfazer suas necessidades. Sem uma renda, multiplicam-se as ansiedades em relação ao modo de lidar com o dia a dia.

2. *Nível de atividade* - O trabalho, em geral, proporciona uma base para a aquisição e o exercício das aptidões e das habilidades. Mesmo nos casos em que o trabalho consiste em uma rotina, ele oferece um ambiente estruturado no qual as energias do indivíduo podem ser absorvidas. Sem ele, é possível que se reduza a oportunidade de exercer tais atividades e capacidades.

3. *Variedade* - O trabalho proporciona um acesso a contextos que contrastam com o meio doméstico. No ambiente de trabalho, mesmo quando as tarefas são relativamente monótonas, as pessoas podem acabar gostando de executá-las por serem diferentes dos afazeres domésticos.

4. *Estrutura temporal* - Para quem tem um emprego regular, o dia normalmente se organiza em torno do ritmo de trabalho. Embora este aspecto às vezes possa parecer opressivo, ele oferece um senso de direção nas atividades diárias. Aqueles que não têm um emprego geralmente acham que o tédio é um grande problema e desenvolvem um senso de apatia com relação ao tempo.

5. *Contatos sociais* - O ambiente de trabalho, muitas vezes, proporciona amizades e oportunidades de participação em atividades comuns com outras pessoas. Fora do cenário profissional, é provável que se restrinja o círculo de possibilidades em termos de fazer amigos e conhecer pessoas.

6. *Identidade pessoal* - Normalmente, valoriza-se o trabalho pela sensação de identidade social estável que ele oferece. No caso dos homens, em particular, a autoestima está em geral estreitamente relacionada à sua contribuição econômica para o sustento do lar.³

Relacionando juventude e trabalho

Sabemos que a relação das pessoas com o mundo do trabalho tem se modificado com o passar dos anos, não é mesmo? Basta olhar para trás e pensar em nossos pais e avós, por exemplo. Quem não conhece alguém que trabalhou boa parte da vida numa mesma empresa? Além disso, terminar o Ensino Médio, de certa forma, era uma “garantia” de ingresso em um emprego. E como está hoje? Pensando especialmente nos jovens, *como é o mercado de trabalho hoje para eles? Os jovens têm conseguido um espaço neste mundo tão competitivo?*

Nem precisamos pensar muito para responder a essas questões, principalmente quando olhamos o “novo” contexto em que estamos inseridos. As novas tecnologias, o crescimento do setor de serviços, a flexibilização dos contratos, entre outras mudanças, tornam o mundo do trabalho confuso e diverso. Assim, os jovens passaram a conviver com maiores riscos e incertezas com relação ao mercado de trabalho. A imagem que se tinha de um trabalho para toda a vida, em torno do qual se estruturavam os projetos de futuro, passa a ser relativa.

A experiência do desemprego

Todas essas mudanças contribuem para o desemprego entre os jovens, que cresceu muito a partir dos

anos de 1990. Veja as manchetes abaixo. Elas evidenciam bem essa questão, revelando como o desemprego é uma experiência comum para muitos jovens.

Mercado de Trabalho

Crise faz desemprego entre jovens ser o maior desde 2002

Relatório da OIT mostra que no ano passado o índice de desemprego entre pessoas com idade entre 15 e 24 anos chegou a 13%

Fonte: Revista Veja - 11/08/2010

**Anuário sobre emprego, trabalho e renda
revela que metade dos jovens entre 18
e 20 anos não consegue emprego formal.**

Fonte: Portal Brasil -
Publicado 25/10/2011
17:05

De maneira geral, a falta de trabalho para os jovens passa a ser vista como um problema social. Para os jovens e suas famílias, o risco do desemprego se torna motivo de preocupação. Muitas vezes, isso é vivido como desestruturação, com receios e um sentimento de vazio.

Mas, se a experiência do desemprego tem esse significado geral, ela é vivida de maneiras diferentes pelos jovens, conforme suas condições pessoais e sociais. Aqueles com menos recursos “sofrem” mais com essa situação. Além disso, a relação com o trabalho e com o desemprego também é diferente dependendo da origem social ou regional, do sexo, da escolaridade etc.

Se tomarmos como exemplo a Região Metropolitana de São Paulo, em 2009, enquanto 22,2% das jovens mulheres de 16 a 29 anos estavam desempregadas, esse número era de 15,3% para os jovens homens. Também há diferenças entre mais novos e mais velhos: 49,6% dos adolescentes (16 a 17 anos) estavam desempregados, enquanto 15,7% dos jovens adultos (25 a 29 anos) se encontravam na mesma situação. Entre os jovens negros, 21,2% estavam desempregados, contra 17,2% dos brancos.⁴

Por outro lado, como dissemos antes, há muitas características do trabalho que dão um sentido à vida das pessoas e atraem os jovens. No caso do Brasil, *o trabalho faz parte da condição juvenil*. Estudar e trabalhar é uma realidade para muitos jovens! Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD de 2007, 21,8% dos jovens de 15 a 17 anos trabalhavam e estudavam ao mesmo tempo naquele ano. Quando se trata apenas dos homens, esse número sobe para 26,4%.⁵ Isso sem considerar o trabalho oculto (os “bicos”, o trabalho doméstico etc.) que não é computado nessa estatística.

Outra característica da relação dos jovens com o trabalho, a partir da realidade brasileira, é que o Brasil não estruturou uma rede de proteção social que possibilitasse um período de formação e preparação anterior ao trabalho para todos. Para muitos jovens das camadas populares, as primeiras experiências já ocorrem desde a infância, como, por exemplo, ajudar nas atividades domésticas ou fazer “bicos”. No meio rural, o trabalho também aparece desde cedo em alguns casos, como no plantio e na colheita de outros agricultores ou no auxílio aos pais em suas atividades diárias. Essas são experiências que nem sempre são consideradas como trabalho. Em geral, as famílias das camadas populares valorizam essas atividades por diversos motivos: contribuem para a renda familiar, afastam os jovens “da rua” e “forjam o caráter” deles.

Trabalhar passa a ser uma experiência comum, natural na vida dos filhos das famílias mais empobrecidas. O problema é que, muitas vezes, essa primeira socialização no trabalho pode se tornar o destino de muitos jovens que não contam com melhores oportunidades de inserção e formação profissional.



Além de não contar com uma rede de proteção social adequada, os jovens, no Brasil, se deparam com mudanças no mundo do trabalho que trazem inseguranças e incertezas com relação à entrada e permanência nesse mercado. Ter um emprego tem sido uma grande preocupação para muitos jovens. Tal contexto influencia a relação dos jovens com o mundo do trabalho.

Nesse contexto, o desemprego torna-se uma grande preocupação para os jovens, seja pela pressão social ou familiar, seja pelo próprio desejo de trabalhar. Os jovens comumente explicitam que buscam por um

emprego, mas nem sempre tal busca é concretizada. Por que, afinal, não é fácil conseguir um trabalho para alguns jovens? Uma das respostas que temos para essa questão se relaciona com a *exigência de experiência* para se alcançar uma inserção no mercado de trabalho. Para muitos, tal exigência representa mais uma “barreira”, pois se trata do primeiro contato com esse mundo. Cria-se, então, um círculo vicioso, pois o jovem busca uma inserção para ganhar experiência, mas, ao mesmo tempo, só consegue se inserir se tiver uma vivência anterior.

→ EXPLORANDO MATERIAIS

.....
 Nesse contexto de desemprego e diante de tantas dificuldades, os jovens não ficam passivos. Eles buscam alternativas de geração de renda e de trabalho, como podemos observar nas experiências abaixo, em diversas iniciativas desenvolvidas por coletivos juvenis e movimentos sociais. Nos endereços abaixo há relatos de algumas dessas experiências. Vale a pena conferir!

<<http://www.emdialogo.uff.br/node/3343>>

<<http://www.emdialogo.uff.br/node/3346>>

"Trabalho decente" para a juventude! É importante saber...

Na conjuntura de desigualdades sociais e desemprego, o trabalho sem proteção legal e precário tem sido uma marca da inserção juvenil no mundo do trabalho. De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - DIEESE, dos jovens brasileiros que trabalhavam em 2009, apenas 45,2% tinham carteira assinada e 24,8% trabalhavam informalmente. Na Região Norte, o índice dos jovens que trabalhavam sem carteira assinada subia para 29,7%, e o índice daqueles que trabalhavam com registro em carteira caía para 29,1%. No Nordeste, esses índices eram de 31,1% e 27,2%.⁶ Ou seja, se o trabalho precário é uma realidade para os jovens brasileiros, em algumas regiões ela é pior ainda.

A preocupação com as condições do trabalho juvenil tem sido objeto de debate para muitos governos e organismos internacionais. A luta contra a exploração do trabalho escravo e infantil e a denúncia das ocupações precárias e do desemprego levaram a Organização Internacional do Trabalho - OIT a defender a bandeira do *trabalho decente* na 87ª Conferência Internacional do Trabalho em 1999. A OIT compreende por trabalho decente

[o] trabalho produtivo, com respeito ao Direito, que gere renda suficiente e possibilite uma proteção social adequada, sem menosprezar as normas sociais e os trabalhadores. Seu objetivo é a promoção de oportunidades para que homens e mulheres possam alcançar um trabalho decente em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humana.⁷

Nesse sentido, o trabalho deve ser pensado a partir das necessidades juvenis de formação, do desenvolvimento profissional, da participação social e do acesso ao lazer e à cultura. Assim, não se pode pensar o trabalho juvenil sem uma rede de proteção social que garanta o atendimento às suas demandas e a preservação de sua integridade física e moral.

→ OUTRAS CORES

O documento da OIT *Trabalho decente e juventude no Brasil* traz várias informações sobre o tema.⁸

No Brasil, já existem alguns dispositivos legais que protegem o trabalho juvenil e buscam favorecer sua dimensão formativa. A Constituição Federal do Brasil de 1988 regulamentou o trabalho juvenil, permitido-o a partir dos 16 anos de idade ou, na condição de aprendiz, a partir de 14 anos. Além disso, o trabalho é proibido à noite, em condições insalubres ou perigosas para os menores de 18 anos.

Art. 7 - São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria de sua condição social: (...) XXXIII - proibição de trabalho noturno, perigoso ou insalubre a menores de dezoito e de qualquer trabalho a menores de dezesseis anos, salvo na condição de aprendiz, a partir de quatorze anos.

Na mesma direção, o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, regulamenta, no Capítulo 5, vários aspectos relativos ao direito à profissionalização e à proteção ao trabalho, especialmente em relação à aprendizagem e formação profissional.

Art. 60 - É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz.

Art. 61 - A proteção ao trabalho dos adolescentes é regulada por legislação especial, sem prejuízo do disposto nesta Lei.

Art. 62 - Considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor.

Art. 63 - A formação técnico-profissional obedecerá aos seguintes princípios:

I - garantia de acesso e frequência obrigatória ao ensino regular;

II - atividade compatível com o desenvolvimento do adolescente;

III - horário especial para o exercício das atividades.

Art. 64 - Ao adolescente até quatorze anos de idade é assegurada bolsa de aprendizagem.

Art. 65 - Ao adolescente aprendiz, maior de quatorze anos, são assegurados os direitos trabalhistas e previdenciários.

Art. 66 - Ao adolescente portador de deficiência é assegurado trabalho protegido.

Art. 67 - Ao adolescente empregado, aprendiz, em regime familiar de trabalho, aluno de escola técnica, assistido em entidade governamental ou não governamental, é vedado trabalho:

I - noturno, realizado entre as vinte e duas horas de um dia e as cinco horas do dia seguinte;

II - perigoso, insalubre ou penoso;

III - realizado em locais prejudiciais à sua formação e ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social;

IV - realizado em horários e locais que não permitam a frequência à escola.

Art. 68 - O programa social que tenha por base o trabalho educativo, sob responsabilidade de entidade governamental ou não governamental sem fins lucrativos, deverá assegurar ao adolescente que dele participe condições de capacitação para o exercício de atividade regular remunerada.

§ 1º Entende-se por trabalho educativo a atividade laboral em que as exigências pedagógicas relativas ao desenvolvimento pessoal e social do educando prevalecem sobre o aspecto produtivo.

§ 2º A remuneração que o adolescente recebe pelo trabalho efetuado ou a participação na venda dos produtos de seu trabalho não desfigura o caráter educativo.

Art. 69 - O adolescente tem direito à profissionalização e à proteção no trabalho, observados os seguintes aspectos, entre outros:

I - respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento;

II - capacitação profissional adequada ao mercado de trabalho.

Outro dispositivo legal importante refere-se à Lei da Aprendizagem (lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000). Ela regula vários aspectos relativos ao contrato de adolescentes e jovens como aprendizes.

Art. 403 - É proibido qualquer trabalho a menores de dezesseis anos de idade, salvo na condição de aprendiz, a partir dos quatorze anos.

Parágrafo único. O trabalho do menor não poderá ser realizado em locais prejudiciais à sua formação, ao seu desenvolvimento físico, psíquico, moral e social e em horários e locais que não permitam a frequência à escola.

(...)

Art. 428 - Contrato de aprendizagem é o contrato de trabalho especial, ajustado por escrito e por prazo determinado, em que o empregador se compromete a assegurar ao

maior de quatorze e menor de dezoito anos, inscrito em programa de aprendizagem, formação técnico-profissional metódica, compatível com o seu desenvolvimento físico, moral e psicológico, e o aprendiz, a executar, com zelo e diligência, as tarefas necessárias a essa formação.

§ 1º A validade do contrato de aprendizagem pressupõe anotação na Carteira de Trabalho e Previdência Social, matrícula e frequência do aprendiz à escola, caso não haja concluído o ensino fundamental, e inscrição em programa de aprendizagem desenvolvido sob a orientação de entidade qualificada em formação técnico-profissional metódica.

§ 2º Ao menor aprendiz, salvo condição mais favorável, será garantido o salário mínimo hora.

§ 3º O contrato de aprendizagem não poderá ser estipulado por mais de dois anos.

§ 4º A formação técnico-profissional a que se refere o caput deste artigo caracteriza-se por atividades teóricas e práticas, metodicamente organizadas em tarefas de complexidade progressiva desenvolvidas no ambiente de trabalho.

Por fim, outra legislação importante refere-se à Lei do Estágio (lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008), que permite a contratação de estudantes na forma de estagiários, garantindo uma série de direitos a eles.

Art. 1 - Estágio é o ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que estejam frequentando o ensino regular, em instituições de educação superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

§ 1º O estágio faz parte do projeto pedagógico do curso, além de integrar o itinerário formativo do educando.

§ 2º O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho.

(...)

Art. 10 - A jornada de atividade em estágio será definida de comum acordo entre a instituição de ensino, a parte concedente e o aluno estagiário ou seu representante legal, devendo constar do termo de compromisso, ser compatível com as atividades escolares e não ultrapassar:

I - 4 (quatro) horas diárias e 20 (vinte) horas semanais, no caso de estudantes de educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional de educação de jovens e adultos;

II - 6 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais, no caso de estudantes do ensino superior, da educação profissional de nível médio e do ensino médio regular.

§ 1º O estágio relativo a cursos que alternam teoria e prática, nos períodos em que não estão programadas aulas presenciais, poderá ter jornada de até 40 (quarenta) horas semanais, desde que isso esteja previsto no projeto pedagógico do curso e da instituição de ensino.

§ 2º Se a instituição de ensino adotar verificações de aprendizagem periódicas ou finais, nos períodos de avaliação a carga horária do estágio será reduzida pelo menos à metade, segundo estipulado no termo de compromisso, para garantir o bom desempenho do estudante.

Art. 11 - A duração do estágio, na mesma parte concedente, não poderá exceder 2 (dois) anos, exceto quando se tratar de estagiário portador de deficiência.

Art. 12 - O estagiário poderá receber bolsa ou outra forma de contraprestação que venha a ser acordada, sendo compulsória a sua concessão, bem como a do auxílio-transporte, na hipótese de estágio não obrigatório.

§ 1º A eventual concessão de benefícios relacionados a transporte, alimentação e saúde, entre outros, não caracteriza vínculo empregatício.

§ 2º Poderá o educando inscrever-se e contribuir como segurado facultativo do Regime Geral de Previdência Social.

Art. 13 - É assegurado ao estagiário, sempre que o estágio tenha duração igual ou superior a 1 (um) ano, período de recesso de 30 (trinta) dias, a ser gozado preferencialmente durante suas férias escolares.

§ 1º O recesso de que trata este artigo deverá ser remunerado, quando o estagiário receber bolsa ou outra forma de contraprestação.

§ 2º Os dias de recesso previstos neste artigo serão concedidos de maneira proporcional, nos casos de o estágio ter duração inferior a 1 (um) ano.

Art. 14 - Aplica-se ao estagiário a legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho, sendo sua implementação de responsabilidade da parte concedente do estágio.

Os jovens e os diferentes sentidos do trabalho

A relação dos jovens com o mundo do trabalho não se estabelece de maneira igualitária. Além disso, os jovens se inserem no mundo do trabalho por motivos diferentes e dão a ele significados distintos. Para alguns, como já mencionado, o período da juventude é um tempo de preparação, quando, em geral, as primeiras experiências se dão através de estágios e cursos de formação profissional, podendo a inserção no mercado de trabalho esperar um pouco mais. Além disso, em sua maioria, são os jovens de camadas mais elevadas que conseguem uma inserção através de suas redes de contato. Afinal, quem nunca ouviu falar do “QI”? O “QI”, ou seja, “quem indica” contribui favoravelmente para o primeiro contato de muitos jovens com o mundo do trabalho. Veja alguns relatos:

Acho que terminando o ensino médio, se você não tiver uma indicação de alguém, fica um pouco difícil. Porque, geralmente, quando você vai pedir um trabalho em algum lugar, eles pedem experiência ou sempre colocam uma barreira. Então, se você não tiver alguém que te indica, fica meio complicado. (masculino, 17 anos)⁹

Realmente o teste de QI, né, como a gente fala, quem indica, está em todo lugar que você vai. (feminino, 17 anos)¹⁰

Por outro lado, para os jovens das camadas populares, muitas vezes, a entrada imediata e precoce no trabalho é a única alternativa. Para muitos, trabalhar possibilita a continuidade dos estudos e o acesso a bens e serviços, ampliando a vivência da condição juvenil. Dessa forma, acabam aceitando “qualquer coisa”, mesmo sendo uma atividade que não gostam de fazer. Assim, até os trabalhos vistos como mais “sacrificantes” podem representar uma oportunidade de experiência necessária para a obtenção de melhores empregos. É o que expressa este depoimento:

A princípio acho que você não tem muito que escolher, né? Você acaba sendo escolhido. Você às vezes pensa, fala: oh, eu sou bom no que faço, mas tem muita gente que também tá querendo o emprego e também faz como você. Então não tem muita escolha! (masculino, 17 anos)¹¹

Nem sempre os jovens se inserem no trabalho so-
nhado. Muitas vezes, o que aparece é um trabalho in-
formal, no qual trabalham muitas horas por dia, rece-
bendo um salário baixo e submetendo-se a condições
precárias. Nesse contexto, o trabalho vai perdendo o
sentido de ser uma atividade com a qual nos identifi-
camos e nos realizamos. As expectativas tendem a se
voltar para aquilo que está “fora” do trabalho! Ou seja,
o “bom” trabalho normalmente está associado àquela
ocupação “com carteira assinada”, bem remunerada,
com uma jornada menor, em condições adequadas etc.



Contudo, com as dificuldades de inserção no
mercado de trabalho, muitos jovens se contentam em
ter um “trabalho qualquer”, como se constatou em
uma pesquisa sobre o trabalho juvenil:

O “unir o útil ao agradável” e o “fazer o que gosta”, mesmo
que, muitas vezes, se transforme em “gostar do que faz”,
não está ausente do ideal de trabalho dos jovens. (...) falar
em trabalho ideal hoje, portanto, representa, para a maio-
ria dos jovens, o desejo de estar empregado ou, pelo menos,
trabalhando.¹²

Mesmo diante de todas essas questões, o trabalho
ainda é uma dimensão importante na vida de todos,
convivendo com outras esferas também cruciais da
experiência juvenil. É nessa fase da vida que a preo-
cupação com o futuro profissional aparece, junto com
outras experiências e demandas. Além disso, o traba-
lho traz consigo significados diferentes para os jovens,
ligados às experiências atuais e aos seus planos de fu-
turo. Além de ser fonte de sobrevivência e geração de
renda, o trabalho também é um espaço importante de
sociabilidade, de produção de valores e construção de
identidades. Ele adquire centralidade no imaginário
juvenil e assume vários sentidos para os jovens, como
indicam alguns autores.

- › O *trabalho como um valor* diz respeito a um
sentido moral, aliado à noção de dignidade.
Alguns provérbios do discurso social que nos
ajudam a entender esse sentido do trabalho são:
“Trabalhar não é vergonha. É honra!”; “O traba-
lho dignifica o homem!”; “O trabalho enriquece,

a preguiça empobrece!”. O trabalho na perspectiva da dignidade do jovem ganha expressividade, por exemplo, entre os homens casados como forma de prover a família de maneira honesta.¹³

- › O trabalho também é visto como *necessidade* por muitos jovens. Como retrata a música de Gabriel o Pensador:

Mais um dia de trabalho querido diário
Eu ralo feito otário e ganho menos do que eu valho,
mas necessito de salário que é bem menos que o necessário
Hoje os rodoviários tão em greve por melhores honorários e eu procuro um que me leve

Eu tenho horário
Não posso chegar atrasado não posso ser desconfiado
Se eu falar que foi greve meu chefe pode ficar desconfiado
E se o desgraçado quiser me dar um pé na bunda eu vou pro olho da rua e rapidinho ele arruma outro pobre coitado
Desempregado desesperado é que mais tem (olha o ônibus!!) Hein?¹⁴

- › Outros ressaltam o trabalho como *instância socializadora e de sociabilidade*. Muitos jovens associam esse sentido de socialização à disciplina, maturidade e responsabilidade adquiridas através do trabalho. Como diz uma jovem:

(...) acho que amadureci muito depois que comecei a trabalhar. Antes eu não dava muito valor para quem trabalha. Até meus pais eu passei a reconhecer mais pelo esforço que eles fizeram pra sustentar a gente. É, acho que o trabalho deixa as pessoas mais maduras, mais reconhedora das coisas né (GD).¹⁵

Quanto à sociabilidade, os jovens pontuam o contato com pessoas diferentes. Muitos jovens dizem: “Odeio meu trabalho, mas adoro meus colegas de trabalho.”

- › Outra fala frequente entre os jovens diz respeito à *independência pessoal*. Essa dimensão aparece entre os diferentes grupos de jovens, independentemente de sua origem de classe, sexo, idade e cor.

A questão da independência é muito forte, pois, até certa idade, não se liga muito para ter o próprio dinheiro, mas, com a chegada da adolescência, sair com os amigos e com a namorada/namorado, comprar roupas novas, ter eletrônicos etc. passa a ser uma necessidade. Esse aspecto é muito ressaltado entre os mais jovens e solteiros.

Esse significado também é muito presente entre as jovens casadas, pois trabalhar possibilita sair da esfera doméstica, ser independente dos companheiros e até mesmo ampliar a socialização e sociabilidade, como afirma uma das jovens da pesquisa realizada por Corrochano:

Olha, não dá para ficar em casa todo dia passando, lavando, cozinhando, pedindo dinheiro para o marido. Trabalhar também serve para me distrair, fazer amizades, ter meu próprio dinheiro (feminino, 21 anos).¹⁶

- › Temos ainda o trabalho como uma fonte de *autorrealização*. Na pesquisa realizada por Corrochano, esse aspecto era citado por jovens mais escolarizados, solteiros e nascidos em centros urbanos. Sem a pressão imediata pela sobrevivência e com maior escolaridade, às vezes com formação técnica ou superior, eles atribuem ao trabalho o sentido de satisfação pessoal.

O trabalho tem a ver com satisfação pessoal para mim. Eu quero fazer um trabalho que goste de fato, não qualquer coisa. Brigo muito com meu pai por causa disso. Ele acha que tenho que ficar aqui a qualquer custo. Eu não vou ficar, não estou feliz. Quando conseguir fazer faculdade vou sair, até antes disso se der (masculino, 19 anos).¹⁷

- › Por último, mas não menos importante, o trabalho aparece como um *direito*, ou seja, o próprio direito de trabalhar e ter uma profissão. Esse sentido muitas vezes aparece referido à sua negação, principalmente entre os jovens desempregados, os que tiveram experiências no trabalho informal e que estão à procura de trabalho.

Nesse conjunto de sentidos, é possível perceber a importância do trabalho na vida dos jovens. Muitos jovens brasileiros depositam nele boa parte dos seus sonhos e projetos, mesmo que, muitas vezes, o desejo de ter “o trabalho dos sonhos” tenha que ser substituído pelo “sonho de ter um trabalho” qualquer.

Juventude, trabalho e escola

Como vimos, muitos jovens conquistam um espaço no mercado de trabalho ainda na adolescência e acabam vivenciando a experiência de trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Essa característica da relação entre trabalho e os segmentos juvenis no Brasil não é como nos países desenvolvidos, embora essa realidade esteja se alterando em virtude da recente crise econômica que afeta alguns países europeus como Portugal, França e Espanha. Ultimamente, o desemprego juvenil tem crescido nesses países. Além disso, muitos deles estão restringindo suas políticas sociais.

No entanto, o que nos interessa ressaltar é que o Brasil não conta com um modelo de inserção dos jovens na vida profissional que seja um suporte no processo de transição da escola para o mercado de trabalho. Em países como a Alemanha, por exemplo, há políticas que procuram articular melhor a formação geral no Ensino Médio, a formação técnico-profissional e a inserção no mundo do trabalho.¹⁸

Muitas vezes, na relação dos jovens com a escola, a dimensão do trabalho permanece ofuscada. Suas experiências, necessidades e demandas são estranhas para uma escola que não fala sua língua, que ignora o que eles fazem e sabem, levando-os a sucessivas repetências e abandonos. Esse distanciamento reforça ainda mais a falta de sentido da escola para muitos jovens, que planejam um futuro melhor a partir da educação e do trabalho, mas que não conseguem conectá-los com sua vida presente.

O cotidiano de muitos jovens é marcado por uma jornada exaustiva de trabalho, muitas vezes em condições precárias ou em tarefas que oferecem poucas perspectivas profissionais no futuro. As dificuldades para cumprir as tarefas e se concentrar nas atividades pesam muito na sua experiência escolar. Em muitos casos, a rigidez da organização escolar (tempos, conteúdos, avaliações) dificulta o seu desempenho.

Para muitos jovens, a escola pode parecer distante, pois não está sintonizada com as suas vivências. Assim, o trabalho seria mais atrativo como um espaço em que esse jovem poderia dar significado a seus desejos, planos e ações.

Essa situação lança um duplo desafio aos professores que atuam com jovens, especialmente no Ensino Médio.

Em primeiro lugar, é fundamental *conhecer as diferentes inserções e experiências de trabalho dos seus*

alunos e alunas. Ele é um espaço importante em que se desenvolvem aprendizagens, relações e interações marcantes na experiência juvenil. O trabalho tem impactos importantes nas trajetórias juvenis, especialmente nas experiências de escolarização dos jovens. Esses impactos vão desde aspectos positivos, como “aprender” a se relacionar melhor e ser mais responsável, a aspectos negativos, como ter que administrar o tempo de trabalho e o tempo de estudo em condições que, muitas vezes, não contribuem para isso. Trabalhar o dia inteiro e ir direto para a escola, chegar cansado ou já “estressado” com fatos ocorridos no trabalho torna-se um peso muito grande para esses jovens estudantes. Como será que você, professor, trabalha essas questões na sua escola? Elas são observadas ou não são levadas em conta?

Em segundo lugar, precisamos refletir sobre *o papel da escola* nesse âmbito. Uma pesquisa realizada com mais de 3.000 jovens brasileiros em 2004 constatou que, para 76% deles, a escola era muito importante em razão do seu futuro profissional. Ao mesmo tempo, o emprego e a formação profissional apareciam como a segunda maior fonte de preocupação para eles.¹⁹

Na Lei de Diretrizes e Bases – LDB (lei nº 9.394/96), o Ensino Médio é definido como a etapa

final da escolarização básica que deve proporcionar uma formação geral para a vida, articulando ciência, trabalho e cultura. Essa concepção está contemplada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio aprovadas em 2011 pelo Conselho Nacional de Educação. A preparação para o mundo do trabalho é apresentada como uma das dimensões importantes do Ensino Médio. Nesse sentido, do ponto de vista da formação geral, a escola deve planejar ações educativas que permitam ao estudante compreender e se orientar no mundo do trabalho contemporâneo. Além disso, a escola deve proporcionar experiências de preparação para o trabalho, se articulando com iniciativas de formação técnico-profissional específicas. Por exemplo, quando trata do macrocampo “Formação Científica e Pesquisa”, o documento orientador do Programa Ensino Médio Inovador afirma:

Nesse sentido, as escolas do Ensino Médio Inovador devem orientar os seus conteúdos, atividades e projetos educativos para contemplar a dimensão do trabalho, como um dos eixos transversais que perpassam seus oito macrocampos curriculares. As atividades de cunho científico deverão permitir a interface com o mundo do trabalho na sociedade contemporânea, com as tecnologias sociais e sustentáveis, com a economia solidária e criativa, o meio ambiente e outras temáticas presentes no contexto do estudante.²⁰

Da mesma forma, o parecer do Conselho Nacional de Educação sobre a proposta do Programa Ensino Médio Inovador reafirma tal concepção:

O trabalho é entendido, na concepção de produção de bens e serviços, como um dos princípios educativos básicos do Ensino Médio, posto ser por meio desse que se pode compreender o processo histórico de produção científica e tecnológica, bem como o desenvolvimento e a apropriação social desses conhecimentos para a transformação das condições naturais da vida e a ampliação das capacidades, das potencialidades e dos sentidos humanos.²¹

Cabe, então, repensar o lugar da escola como uma instituição que pode proporcionar a interlocução entre o mundo do trabalho e a escolarização como um todo. Em que medida a escola pode contribuir para que as experiências juvenis no trabalho não sejam tão dissociadas da escola? Como proporcionar uma relação frutífera entre escola e trabalho?

→ OUTRAS CORES

Um balanço da situação dos jovens no mercado de trabalho pode ser visto no *Anuário do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda 2010/2011: juventude*, de 2011. A publicação

está organizada em três capítulos e tem por objetivo apresentar uma seleção de indicadores sobre a inserção dos jovens no mercado de trabalho, escolaridade e indicadores de políticas públicas voltadas para os jovens: ProJovem Trabalhador e Aprendizagem. No primeiro capítulo, “Mercado de Trabalho e Juventude”, o leitor terá acesso a um conjunto de informações sobre a inserção da população juvenil no mercado de trabalho, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), na Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) e na Relação Anual de Informações Sociais (RAIS). O capítulo segundo, “Trabalho e Educação da População Jovem”, tem como finalidade analisar a inserção ocupacional do jovem, cruzando com as informações de escolaridade. A última seção trata de informações gerais, para os anos de 2008 a 2010, do ProJovem Trabalhador e do Cadastro Nacional da Aprendizagem.²²

→ NOTAS

- 1 BRASIL. Ministério da Educação/SEB, 2009.
- 2 RUSSO, Renato. *Música de trabalho. A tempestade ou o livro dos dias*, Rio de Janeiro, EMI, 1996. CD.
- 3 GIDDENS, 2005, p. 306.
- 4 BRASIL. *Anuário do Sistema Público de Trabalho, Emprego e Renda 2010-2011*, 2011.
- 5 BRASIL. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD*, 2007.
- 6 BRASIL, *Anuário do Sistema Público de Trabalho, Emprego e Renda 2010-2011*, 2011.
- 7 ABRAMO, 2008. Disponível em: <http://www.trabalhodecente.org/2008_08_01_archive.html>.
- 8 Disponível em: <http://www.oitbrasil.org.br/sites/default/files/topic/youth_employment/pub/trabalho_decente_juventude_brasil_252.pdf>.
- 9 JEOLÁS; LIMA, 2002, p. 45.
- 10 *Ibidem*.
- 11 *Ibidem*.

- 12 *Ibidem*, p. 58.
- 13 CORROCHANO, 2002.
- 14 PENSADOR, Gabriel o. *Pão de cada dia*. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/pao-de-cada-dia.html>>.
- 15 Grupo de Discussão. In: JEOLÁS; LIMA, 2002, p. 45.
- 16 CORROCHANO, 2002, p. 11.
- 17 *Ibidem*.
- 18 HASENBALG, 2003.
- 19 ABRAMO; BRANCO, 2005.
- 20 BRASIL. Ministério da Educação/SEB, 2009, p. 15.
- 21 BRASIL. Ministério da Educação/CNE, 2009, p. 4.
- 22 BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego/DIEESE, 2011, p. 9.

→ REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro P. M. *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Laís. *Trabalho decente para a juventude*. Brasília, 25 nov. 2008. Disponível em: <http://www.trabalhodecente.org/2008_08_01_archive.html>.

ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

ANTUNES, Ricardo. *A dialética do trabalho*: escritos de Marx e Engels. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2004.

BRASIL. Insituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio* – PNAD, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Anuário do Sistema Público de Trabalho, Emprego e Renda 2010-2011*: Juventude. São Paulo: DIEESE, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. *Programa*: Ensino Médio Inovador – Documento Orientador, set. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. *Programa*: Ensino Médio Inovador – Parecer CNE nº 11/2009. Distrito Federal: CNE, 2009.

ARANHA, Antônia Vitória; DIAS, Deise de Souza. O trabalho como princípio educativo na sociabilidade do capital. In: MENEZES NETO, Antônio J. et al. (Org.). *Trabalho, política e formação humana: interlocuções com Marx e Gramsci*. 1 ed. São Paulo: Xamã, 2009. p. 115-128. v. 1.

ARROYO, Miguel G. Revendo os vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais da formação humana. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BOTELHO, Joaquim Maria. *Os jovens e o mercado de trabalho: uma análise entre o Brasil e os EUA*. 2008. Disponível em: <<http://www.economiabr.net/2002/01/01/jovensmerctrab.html>>. Acesso em: 08 jun. 2012.

CHARLOT, Bernard. O “filho do homem”: obrigado a aprender para ser (uma perspectiva antropológica). In: _____. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CORROCHANO, Maria Carla. *Jovens olhares sobre o trabalho*. Caxambu, Associação Nacional de Pós- Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, 2002.

DIAS, Deise de Souza. *Jovem aluno trabalhador do ensino médio: a articulação entre trabalho e educação*. 2000. Dissertação (Mestrado em Conhecimento e Inclusão Social) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Juventude, trabalho e educação no Brasil: mistificações e desafios de uma relação complexa*. Entrevista/Programa de TV, 2004.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HASENBALG, Carlos. A transição da escola ao mercado de trabalho. In: SILVA, Nelson do Valle. *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003. p. 147-172.

JEOLÁS, Leila S.; LIMA, Maria Elena M. S. de Souza. Juventude e trabalho: entre “fazer o que gosta” e “gostar do que faz”. *Revista Mediações*, Londrina, v. 7, n. 2, p. 35-62, jul./dez. 2002.

PEREGRINO, Mônica D. Os estudos sobre jovens na interseção da escola com o mundo do trabalho. In: SPOSITO, Marília P. (Coord.). *O estado da arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)*. Belo Horizonte: Argymentvm, 2009. p. 87-121. v. 2.

TARTUCE, Gisela L. B. P. *Jovens na transição escola - trabalho: tensões e intenções*. São Paulo: Annablume, 2010.

→ SOBRE OS AUTORES

GERALDO LEÃO

Professor adjunto da Faculdade de Educação e do Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

SYMAIRA NONATO

Mestre em Educação pela UFMG. Integrante do Observatório da Juventude e da Rede de Desenvolvimento de Práticas do Ensino Superior (GIZ/UFMG).

ISBN 978-85-423-0115-1



9 788542 301151

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Juventude ou juventudes? Afinal, quem são os sujeitos que constituem esse singular e, concomitantemente, diverso grupo social? A coletânea JUBEMI reúne textos que apresentam essa multifacetada realidade juvenil. A escola, o trabalho, o modo de lidar com as tecnologias, as relações de gênero e a vivência da sexualidade, as formas de engajamento e participação, os modos de apropriação do território, as sociabilidades juvenis, as relações étnico-raciais, a questão das drogas e da redução de danos, entre outros elementos, se configuram como peças fundamentais que, a partir de distintas combinações, possibilitam ao leitor construir um mosaico da juventude brasileira, que precisa ser compreendida em sua complexidade. Este é o caderno “Juventude e trabalho”. Boa leitura!



OBSERVATÓRIO DA
JUVENTUDE UFMG

observatório
grupo de pesquisa iiff
jovem

Ministério da

Educação